



**O protagonismo de professores indígenas no processo de ensino-aprendizagem na  
Escola Warará'awa Assurini, Tucuruí-PA**

**The role of indigenous teachers in the teaching-learning process at the Warará'awa  
Assurini School, Tucuruí-PA**

Benedita Celeste de Moraes Pinto  
Cristian Caio Silva Moreira  
Universidade Federal do Pará  
Cametá-Brasil

**Resumo**

Este trabalho objetiva refletir acerca do protagonismo de professores indígenas Assurini, na Terra Indígena Trocará, município de Tucuruí-PA, no sistema educacional entre o seu povo. Destaca assim, a importância do diálogo intercultural no processo interdisciplinar da educação escolar indígena e as práticas docentes na escola Warará'awa Assurini, considerando as concepções da educação indígena como elemento central na formação escolar e humana dos estudantes dessa comunidade indígena. Para a constituição deste estudo, realizou-se análise bibliográfica dos trabalhos de conclusão de curso de três professores Assurini, com foco nas atividades desenvolvidas na escola. Além da realização de pesquisa de campo, verificando que, no sistema educacional desse povo, a interculturalidade e a interdisciplinaridade tornam-se instrumentos de resistência quando os professores indígenas ressignificam suas práticas de ensino-aprendizagem, buscando, na educação formal, meios para fortalecer seus saberes e práticas, que constituem a existência do seu povo.

**Palavras-chave:** Professores Assurini; Processo Educativo; Resistências.

**Abstract**

This paper aims to reflect on the role of indigenous Assurini teachers in the Trocará Indigenous Land, in the municipality of Tucuruí-PA, in the educational system among their people. Highlights the importance of intercultural dialog in the interdisciplinary process of indigenous school education and teaching practices at the Warara'awa Assurini school, considering the conceptions of indigenous education as a central element in the schooling and human formation of the students of this indigenous community. In order to carry out this study, a bibliographical analysis was made of the course conclusion papers of three Assurini teachers, with focus on the activities carried out at the school. In addition, field research was carried out, verifying that, in the educational system of this people, interculturality and interdisciplinarity become instruments of resistance when indigenous teachers give new meaning to their teaching-learning practices, seeking, in formal education, the means to strengthen their knowledge and practices, which constitute the existence of their people.

**Keywords:** Assurini teachers; Educational process; Resistance.

## **Introdução**

Após mais de 500 anos de colonização, somente cerca de 305 grupos indígenas habitam o território brasileiro na atualidade. Contudo, é paradoxal o desconhecimento dos brasileiros acerca da diversidade étnica, linguística e territorial, visto que a grande maioria desconhece a existência das centenas de etnias espalhadas pelo Brasil, sendo em torno de 274 línguas diferentes. Fator reforçado pelo processo de civilização que, constantemente, buscou ocidentalizar as populações indígenas. Discurso reproduzido, também, nos meios acadêmicos e governamentais, os quais ainda propagam uma imagem estereotipada, romântica e marginalizada dessas populações, conduzindo o tratamento destinado a elas (Luciano, 2006).

Dessa forma, torna-se importante refletir quanto à construção da interculturalidade como instrumento legal no processo educacional, isso posto que sua ótica permite considerar os sujeitos indígenas como protagonistas dos processos de luta que foram obrigados a transpassar, sem que abrissem mão de sua identidade, contrariando o pensamento ocidental que limita e reforça a mentalidade colonial historicamente estabelecida, que prossegue a afirmar incompatibilidade do diálogo entre culturas.

Desse modo, o diálogo intercultural faz-se necessário para quebrar as narrativas eurocêntricas, reconhecendo e respeitando as especificidades das populações indígenas, tendo a interculturalidade como aliada no processo de resistência. Em vista disso, havendo um sentido de alteridade, que se fundamenta na compreensão do outro sem querer “modificá-lo”, as concepções dos povos indígenas baseiam-se na partilha de saberes não hierarquizados (Aquino, 2018). Nas palavras de Eduardo Viveiros de Castro (2009, p. 54), “o encontro entre índios e brancos só se pode fazer nos termos de uma necessária aliança entre parceiros igualmente diferentes, de modo a podermos, juntos, deslocar o desequilíbrio perpétuo do mundo um pouco mais para frente, adiando assim o seu fim”.

Para o escritor e pesquisador indígena Gersem Baniwa Luciano (2006), centenas de povos foram e continuam a ser invisibilizados e “apagados” por intermédio de distintos mecanismos de dominação, que objetivam o desaparecimento das línguas, dos rituais, dos hábitos alimentares e da cultura de forma geral.

O projeto de extermínio cultural leva consigo a riqueza de conhecimentos e saberes tradicionais que constituem as filosofias de vida indígena, além de sua abundante

contribuição aos diferentes modos de existência. Esse processo histórico é marcado por conflitos, resistências, derrotas e vitórias, exigindo um conjunto de leis, normas e regras legais destinadas a orientar a relação entre os povos indígenas e a sociedade não indígena (Luciano, 2006).

Nesse viés, é relevante a ampliação dos movimentos, no que concerne à institucionalização e à efetivação dos direitos dos povos indígenas, para que se torne possível perspectivar um futuro que garanta qualidade de educação e dignidade de vida para as populações que habitam o território brasileiro. Nesse contexto, garantir que os direitos sejam respeitados e efetivados, por meio do acesso a uma educação intercultural de qualidade e que respeite suas características e particularidades, continua a ser um desafio na atualidade. Não podendo “negar que grandes avanços já foram alcançados, mas ainda temos um longo caminho pela frente. Os indígenas não são ouvidos e as escolas ainda estão presas a modelos de currículos arcaicos e que valorizam a cultura europeia” (Barros, 2020, p. 82).

Partindo de tais pressupostos, o presente trabalho tem como lócus de estudo a Terra Indígena Trocará, localizada no município de Tucuruí, no Estado do Pará, cujo propósito é refletir a respeito do protagonismo de professores indígenas Assurini no sistema educacional entre o seu povo, evidenciado a importância do diálogo intercultural no processo interdisciplinar da educação escolar indígena e as práticas docentes na escola Warara’awa Assurini, considerando as concepções da educação indígena como elemento central na formação escolar e humana dos estudantes dessa comunidade indígena.

Metodologicamente, para a constituição deste estudo, realizamos análise bibliográfica de autores que tratam da temática abordada, bem como dos trabalhos de conclusão de curso de três professores Assurini, focalizando as atividades desenvolvidas na escola Warara’awa Assurini. Além da realização de pesquisa de campo, com observação em lócus e gravação de entrevistas com os docentes, observaram-se o processo educacional dessa população indígena, a interculturalidade e a interdisciplinaridade como parte integrante da educação, tornando-se instrumento de resistência diante das imposições educacionais que buscam a implantação do sistema educacional homogêneo e excludente, que marginaliza e banaliza os saberes tradicionais originários e intenta a assimilação da cultura indígena na sociedade global.

### **Desafios da educação escolar indígena no Brasil**

O direito à educação é princípio fundamental assegurado pela Constituição Federal (CF) de 1988. No entanto, garantir que esse direito chegue aos setores mais pobres, aos grupos historicamente excluídos (indígenas, negros, mulheres e quilombolas) ainda é um grande desafio nos dias atuais. Isso dado que, para as garantias fundamentais do acesso à educação, faz-se necessário que os próprios indígenas estejam inseridos na constituição de suas concepções de educação, possibilitando que o acesso ao direito inclua suas próprias subjetividades educacionais. Não sendo apenas uma exclusividade da esfera política, mas uma necessidade emergente da sociedade como um todo, envolvendo numerosas contradições no reconhecimento da diversidade que constitui a sociedade brasileira.

Na concepção de Gersem Baniwa (2013), a história da educação escolar indígena no Brasil se divide em dois grandes momentos: o primeiro período iniciou-se com a chegada dos jesuítas da Companhia de Jesus em 1549. Período no qual não houve uma educação escolar indígena, mas uma escola para os indígenas, cuja missão principal era integrá-los à sociedade nacional mediante a assimilação de uma nova língua, uma nova religião, novas crenças, novos costumes e tradições. Nesse cenário, segundo afirma Gersem dos Santos Luciano:

[...] o fato de o processo educativo nas sociedades indígenas apresentar diferenças radicais quanto à chamada “educação nacional” levou os colonizadores que aqui chegaram a uma conclusão equivocada de que não existia educação indígena. Numa visão etnocêntrica, pressuponha-se que os índios não tinham educação, porque não tinham as mesmas formas e os mesmos modelos educacionais ocidentais. É com esse ponto de vista que historicamente se têm implantado os projetos escolares para os índios. Em outras palavras, a escola e a alfabetização entram em cena como sinônimos de educação, cultura e civilização, como se os índios não as tivessem (Luciano, 2006, p. 146).

De acordo com Carma Martini (2028, p. 66), “a escola indígena, historicamente utilizada como um instrumento para forçar a integração dos indígenas à sociedade nacional, mudou de função” nas décadas finais do século XX, a partir da Constituição Federal de 1988. Momento em que passaram a ocorrer mudanças significativas no discurso do Estado em relação à educação escolar indígena, servindo como um divisor de águas no que se refere à institucionalização da educação diferenciada, que represente os anseios e compreenda as particularidades do processo educativo das populações indígenas, tendo os movimentos sociais grande importância no processo de garantia de direitos educacionais das comunidades do campo.

Nas discussões sobre educação do campo na contemporaneidade e seus destaques nas últimas décadas, principalmente, após a CF de 1988, abordam-se as especificidades da educação aos povos tradicionais construída em processos coletivos. No caso do ensino destinado às populações indígenas, é importante mencionar o percurso dos movimentos sociais de educação do campo para compreender a educação escolar indígena como parte integrante desses movimentos, que se insere na luta pela educação diferenciada.

O início da trajetória da educação do/no campo está vinculado aos movimentos sociais, que parte da história-memória dos sujeitos sociais em uma perspectiva contra-hegemônica, desconstruindo-se a visão marginalizada e romântica acerca dos homens e mulheres do campo, sendo estes protagonistas de suas lutas e resistentes ao projeto de desumanização e homogeneização do Estado (Arroyo, 2020).

Nesse cenário, a afirmação identitária e cultural em favor da demarcação da historicidade torna-se essencial na busca pelo direito à terra, à educação e, sobretudo, à humanização. Esta que é negada pelo projeto político, que sempre se pôs à frente da tomada de decisões, visando à subalternização dessas populações, em que a precarização da educação se expõe como justificativa. Por outro lado, a força de seus saberes, identidades, tradições culturais e econômicas, seus modos de vida e suas formas de educar desmistificam a visão estatal que afirma a incapacidade de se construir currículos formais de ensino a partir da conexão com as suas realidades.

Nesse íterim, as intensas batalhas travadas ao longo da história contra a concepção e a implantação de uma “educação rural” em vigência desde o Brasil colônia, que legitimou a segregação dos povos originários, indígenas, quilombolas, camponeses, ribeirinhos e das florestas, contrariaram os paradigmas pedagógicos sobre a ótica de inferioridade e inumanidade, de carência cultural e da não dignidade de uma educação formal para esses grupos, fator que se institucionalizou no sistema educacional e, por muito tempo, regeu o ensino do campo, o qual, nos últimos anos, vem sendo questionado (Arroyo, 2020). Nesse sentido, conforme defendem Kolling, Néry e Molina (1999):

[...] a Educação do Campo se constitui nesse processo dialético e contraditório, a partir da compreensão da realidade concreta dos sujeitos, a fim de reconhecer a diversidade dos grupos sociais que se organizam nos espaços do campo, enquanto classe. É a partir desse prisma que a educação do campo se contrapõe à educação rural, ofertada pelo Estado, uma vez que o objetivo desta é apenas o de realizar a escolarização de forma precária e descontextualizada das realidades socioculturais das populações do campo. O que está em disputa não é apenas a

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA*

escolarização da educação, mas a educação em seu processo mais amplo, que promove o ser humano e o qualifica para a defesa de seus direitos.

Nessas condições, em conformidade com Luciano (2006), a educação escolar indígena enfrenta múltiplos desafios herdados do antigo modelo de escola colonizadora e branqueadora, que tenta inserir as populações indígenas ao ensino ocidental e teve êxito ao longo de séculos.

Entretanto, não apenas submetidos ou conformados com a imposição colonial, os povos indígenas protagonizaram métodos de resistência, fazendo com que, na atualidade, discutam-se e efetivem-se políticas públicas que pautam a educação, a valorização cultural, a linguística e seus direitos em diálogo com outras culturas e conhecimentos da sociedade global (Luciano, 2006). Compreensão necessária e imediata para os movimentos de professores e lideranças indígenas que lutam pela educação em suas comunidades, buscando efetivar os direitos garantidos por lei nas práticas cotidianas das escolas e aldeias indígenas. Visto que:

[...] o movimento indígena brasileiro reconhece que o processo de formulação e de execução da prática educacional no país vem se apresentando de forma cada vez mais respeitosa em relação às culturas e aos interesses dos povos indígenas. No entanto, considera que ainda é preciso avançar, para que de fato tenhamos não somente princípios teóricos e políticos socioculturalmente adequados, mas, sobretudo, mecanismos administrativos e financeiros que garantam efetivamente o direito dos povos indígenas de desenvolverem processos político-pedagógicos próprios e com autonomia. Os povos indígenas têm hoje uma nova consciência sobre a sua realidade histórica e estão construindo o seu futuro com dignidade (Luciano, 2006, p. 145).

A luta contra a exclusão social e a padronização dos modos de vida perpassa o viés educacional como ferramenta do fortalecimento do movimento indígena, pretendendo um diálogo cada vez mais equilibrado no campo de disputas políticas pelo direito a vida e a educação. Ao passo que a história de resistência das populações indígenas, ligada à educação, carrega a luta pela educação escolar diferenciada do modelo de escola ocidental, que tem sempre a integração nacional em seu ideal civilizatório. Nessa direção:

[...] a educação escolar indígena demanda reconhecimento, valorização e respeito às especificidades de cada povo indígena, bem como a integração de diversos tipos de conhecimentos (científicos e não científicos) no processo de escolarização. Nessa perspectiva, é fundamental valorizar as pessoas, a vida e os saberes tradicionais de cada povo indígena, bem como compreender o papel social dos (as) professores (as), indígenas ou não, ao abraçarem o desafio do pensar complexo e transdisciplinar em contextos escolares interculturais e

multilíngues com o objetivo de promover a valorização da sua cultura e de seus saberes construídos historicamente (Suanno et al., 2021, p. 19).

No contexto da etnia Assurini da Terra Indígena Trocará, localizada no município de Tucuruí, no estado do Pará, homens e mulheres dessa comunidade reivindicam, além do acesso à educação formal e da garantia estrutural, autonomia pedagógica e protagonismo no processo de ensino-aprendizagem na escola Warara'awa Assurini, na qual os professores indígenas exigem participação nas tomadas de decisão no que concerne ao futuro educacional de seu povo.

### **Interculturalidade e interdisciplinaridade nas práticas docente na E.I.R.E.F. Warara'awa Assurini**

Localizada no município de Tucuruí, à margem esquerda do Rio Tocantins, próximo ao Igarapé Trocará, a 35 km da cidade de Tucuruí, a Terra Indígena Trocará é atravessada pela rodovia BR-422, conhecida como Transcimetá PA-156, no Estado do Pará. Segundo dados do IBGE (2022), atualmente, essa terra indígena possui 683 habitantes (destes 677 são indígenas), sendo formada por quatro aldeias: a Trocará que é a aldeia sede, a aldeia Ororitawa, a Oimotawara e a aldeia Marawytawa. No *ranking* de habitantes em terras indígenas no Brasil, a Reserva Trocará ocupa a posição 186°. Em relação aos domicílios existentes, está na posição 229° do panorama nacional e no quantitativo de moradores por domicílio ocupa a posição 104°, tendo em torno de 5,42 pessoas habitando cada casa.

A forma de organização e divisão dessa população indígena considera a extensão territorial da Reserva Trocará, necessitando que ocorra a divisão de tarefas e as responsabilidades designadas às suas lideranças. Estratégia de organização que permite melhor articulação de pautas referentes às questões comunitárias, facilitando as tomadas de decisões coletivas na busca por direitos e melhoria na qualidade de vida dos Assurini.

Os Assurini, tanto os homens quanto as mulheres, participam, ativamente, dos processos culturais, políticos e econômicos vivenciados em seu contexto étnico, visto que, no passado, exigiu-se que esse povo adotasse estratégias de sobrevivência, diante dos processos de silenciamento e apagamento cultural.

Entretanto, hoje vivem em um território que é “palco onde atuam vários sujeitos, que juntos lutam a cada dia pela sua sobrevivência, sua cultura e pela sua afirmação étnica” (Nunes, 2017, p. 53). Na ótica de Barros (2020, p. 26), são sujeitos atuais que “protagonizam

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA*

a construção da sua identidade, uma história de luta e resistência pela sobrevivência de seu povo, pois traçam táticas e estratégias de fuga contra a hegemonia vigente”.

Devido a suas lutas, através de suas lideranças, os Assurini possuem, atualmente, uma melhor infraestrutura. Assim sendo, a busca pela afirmação identitária provém de lutas travadas historicamente. Apesar de muitas conquistas e direitos legitimados, continuam a lutar arduamente contra as decisões do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, que, durante seu mandato, incitou a violência, o preconceito e a marginalização dos povos indígenas. Ainda assim, resistem ao sistema opressor mediante suas práticas culturais e costumes, a violência que sofrem e a tentativa de extermínio de seus povos, das mudanças e transformações vivenciadas ao longo do tempo (Barros; Pinto, 2021).

Nesse contexto, a atual Escola da Reserva Trocará, denominada de Escola Indígena Regime Convênio de Ensino Fundamental (E.I.R.E.F.) Warara'awa Assurini, foi inaugurada em setembro de 2011 na aldeia sede (Trocará). Essa escola possui 32 funcionários, dos quais somente dois não são indígenas (o motorista do ônibus escolar e a diretora).

Necessário ressaltar que esses professores(as) indígenas se formaram no curso de licenciatura Intercultural Indígena pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), motivo pelo qual essa escola indígena apresenta, em seu formato, o protagonismo de professores indígenas e as exigências reivindicatórias dos sujeitos que habitam a Reserva Trocará. Buscando, assim, desenvolver a afirmação da própria identidade a partir de um tipo de educação indígena escolar diferente, que visa ao fortalecimento cultural e ancestral dessa população.

Dessa forma, a Escola Warara'awa Assurini desenvolve atividades educacionais em parceria com as práticas do cotidiano dos Assurini, tendo compromisso social com as suas realidades. Uma vez que os habitantes da reserva são consultados com frequência, cujas principais reivindicações são decididas coletivamente. Nela, professores e professoras desenvolvem projetos para revitalizar a língua mãe Assurini juntamente com discentes e demais habitantes da comunidade.

Sendo a escola um campo propício para o ensino da língua materna, crianças e adultos são estimulados a praticá-la no dia a dia. Nessa escola, também são elaborados projetos, através dos quais são apresentadas as atividades desenvolvidas pelos(as) alunos(as), uma espécie de feira cultural, chamada de Ma'é Apotawa, tencionando a valorização e a identificação da riqueza cultural dos Assurini.



É importante mencionar que os princípios curriculares de interdisciplinaridade e interculturalidade são aqui entendidos como a relação entre diferentes culturas e a interação de diferentes campos do conhecimento, que proporcionam uma relação de continuidade entre eles sem separação. Por exemplo, da matemática, da língua materna e das ciências, que são os princípios constitutivos do curso de educação intercultural, conceito pensado para permitir a realização de gestos pedagógicos interdisciplinares e interculturais.

Para Suanno *et al.* (2021 *apud* Abreu; Albuquerque, 2012, p. 11), os paradigmas educacionais emergentes e a interdisciplinaridade na escolarização indígena surgem a partir da “valorização dos saberes tradicionais, da língua materna enquanto disciplina escolar, da cultura e de todas as suas expressões, viabilizando um caminho para promover a autoafirmação destes povos”.

Após formados no curso de licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, alguns professores e lideranças da etnia Assurini voltaram à escola da Terra Indígena Trocará para atuar em sala de aula. Com isso, os trabalhos e as pesquisas que desenvolveram ao longo dos quatros anos na universidade contribuíram para repensar práticas didáticas no processo de ensino-aprendizagem em diferentes áreas do conhecimento.

De tal modo que possibilitou o diálogo entre os conhecimentos tradicionais e os conteúdos curriculares das diferentes disciplinas mediante uma abordagem interdisciplinar, que valoriza os elementos culturais e suas expressões. Forma de “pensamento [que] nos leva a refletir sobre o dever que temos de compreender e respeitar a visão do indígena sobre o mundo, sem esperar que eles ajam ou pensem de acordo com nossas normas de conduta (Suanno *et al.*, 2021 *apud* Abreu; Albuquerque, 2012, p. 286).

Nesse sentido, a interdisciplinaridade faz parte do cotidiano indígena, visto que, nas suas cosmologias, o conhecimento está isento das divisões disciplinares, característica dos sistemas de conhecimento ocidentais, de tal modo que, nas aulas expositivas em sala de aula, os temas não se restringem ou pertencem a uma única disciplina. Aspecto que possibilita uma compreensão ampla do conhecimento, pois os temas discutidos apontam para diversas questões presentes no modo de vida tradicional presente no dia a dia deles.

No contexto do ensino de Ciências, no seu trabalho de conclusão de curso de licenciatura Intercultural Indígena, intitulado “O conhecimento tradicional sobre as aves existentes na Terra Indígena Assurini do Trocará e a sua relação com o ensino de Ciências”,

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA*

o professor Nataívia Assurini aborda o aspecto da interculturalidade a partir dos conhecimentos tradicionais que se tem a respeito das aves no território. Com base no qual, elaborou um material didático alicerçado, teoricamente, nos fundamentos da etnozootologia, como forma de estabelecer o diálogo entre os saberes tradicionais e os conhecimentos científicos, assim como a sua importância para o ensino dos alunos Assurini:

Este projeto desenvolveu-se inicialmente do levantamento do conhecimento que os indígenas Assurini possuem sobre a avifauna de ocorrência natural na terra Indígena, e posteriormente a utilização desse saber, como base para construção do material didático, onde sua utilização e aplicação permitiu conscientizar os alunos a terem uma visão sobre sua própria realidade Assurini mostrando uma possibilidade de integração dos conhecimentos, tradicional e científico. O material didático produzido trata da identificação das aves de maior ocorrência no nosso território, importância da preservação, para que as nossas aves no futuro não sejam extintas, as espécies existentes, portanto é muito importante o uso dessa cartilha da escola Warara'awa Assurini. Por meio da etnociência, grandes possibilidades de investigação no campo das relações entre o ser humano e o uso dos recursos naturais, aqui buscamos um resgate desse conhecimento e aplicação no ensino intercultural de ciências (Nataívia Assurini, 2020, p. 4).

É notório, nesse trecho do estudo, o forte sentimento cultural através das práticas diárias de observação de aves, apresentadas na realidade escolar de seus alunos, como forma de conscientizá-los acerca da importância da preservação – contra a extinção – das aves da sua reserva. De tal maneira que amplia o conhecimento sobre a questão do meio ambiente, evidenciando a carência de conteúdo específicos nos livros didáticos que chegam à Escola Warara'awa Assurini, os quais valorizam conhecimentos do ensino de Ciências de outras culturas e regiões do Brasil. Estando distante, portanto, da realidade das espécies que habitam seu território. Por isso, o professor Nataívia afirma ter pensado em uma pesquisa voltada para produção “da cartilha e dos jogos didáticos, a construção e a disponibilização de materiais específicos para o ensino e a realidade da etnia Assurini”.

A elaboração desses materiais didáticos buscou ilustrar as aves da região Amazônica por meio da construção de dois jogos educativos, que integram a cartilha. Imbricada na valorização e na preservação da fauna, destaca-se, também, a relevância do resgate e fortalecimento da língua materna, uma vez que os jogos são feitos por “um dominó ilustrado bilíngue e o jogo que ave sou eu?”. A construção desse material só foi possível através do resgate do conhecimento dos mais velhos da comunidade sobre as aves de

ocorrência no território Assurini” (Assurini, 2020, p. 10). O desenvolvimento dos jogos se configurou da seguinte forma:

**Jogo 01: Dominó bilíngue das aves**

O objetivo do jogo é reconhecer as principais aves de ocorrência no território Assurini e aprendizagem no nome na língua mãe. O dominó bilíngue das Aves contém 28 peças, onde todas as peças são divididas ao meio de um lado tem a imagem de uma ave e do outro um nome da ave na língua materna assurini e no português.

**Jogo 02: Jogo de cartas que ave sou eu?**

O objetivo do jogo é reconhecer as principais diferenças morfológicas encontradas no grupo das aves, como tamanho, forma do bico, coloração. O jogo de cartas que aves sou eu? contém 14 peças todas as peças têm o desenho das aves com os nomes na língua materna (Nataívia Assurini, 2020, p. 10).

Nesse sentido, estando presentes em diferentes práticas não escolares da comunidade – na confecção de artesanato e nos hábitos alimentares, os jogos educativos, além permitirem a compreensão da diversidade de espécies de aves e seu papel na cultura Assurini, possibilitam refletir acerca da preservação dessas espécies, viabilizando que esses valores adentrem a sala de aula, ganhem mais visibilidade e um olhar diferente: de pertencimento social, cultural e ancestral desse povo indígena.

Nas Figuras 1 e 2, é possível observar diferentes etapas das atividades desenvolvidas na turma de 5º ano, na Escola Warara’awa Assurini. O material didático apresentado inclui um jogo de dominó bilíngue das aves e um livro intitulado *Conhecimento Tradicional sobre as aves do território indígena Trocará*, produzido pelo professor Nataívia Assurini. Esses materiais foram elaborados com o objetivo de fortalecer a cultura e o conhecimento tradicional dos povos indígenas, ao mesmo tempo que promovem a alfabetização e o letramento na língua materna e em português.

**Figura 1** – Capa e parte interna do material didático produzido pelo professor Nataívia Assurini



Fonte: Acervo do professor Nataívia Assurini (2020)

## O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA

Figura 2 – Dinâmica em sala de aula no 5º ano da E.I.R.E.F. Warara'awa Assurini



Fonte: Acervo do professor Nataivia Assurini (2020).

A primeira figura mostra o jogo de dominó bilíngue, no qual cada peça contém ilustrações de diferentes espécies de aves, acompanhadas de seus respectivos nomes em português e na língua Assurini. Essa abordagem permite que os estudantes aprendam sobre a biodiversidade local enquanto desenvolvem suas habilidades linguísticas em um ambiente lúdico e interativo. Além disso, o jogo fortalece a oralidade e a transmissão do conhecimento tradicional sobre as aves, seu significado cultural e ecológico para a comunidade.

Nas figuras seguintes, observa-se a aplicação prática do material na sala de aula. Em um dos registros, um grupo de crianças está reunido no chão, manipulando as peças do dominó, o que demonstra o caráter participativo e colaborativo da atividade. Esse tipo de dinâmica favorece a aprendizagem coletiva e a troca de saberes entre os alunos. Outro registro mostra os estudantes reunidos em círculo, atentos à explicação do professor, que contextualiza o conteúdo a partir da realidade da comunidade, valorizando o conhecimento tradicional e promovendo reflexões sobre a preservação das espécies de aves.

Além disso, uma das figuras retrata o professor Nataivia conduzindo a atividade com o livro didático, reforçando a importância do ensino bilíngue e da educação

diferenciada. A presença desse material impresso demonstra a sistematização dos saberes indígenas em uma linguagem acessível, respeitando os modos próprios de aprendizagem da comunidade Assurini.

Por fim, a última figura destaca o resultado final do jogo, com as peças organizadas no chão em um formato que reflete a interação e o engajamento dos estudantes. Essa representação visual evidencia como a atividade contribui para o desenvolvimento do raciocínio lógico, da memória e do reconhecimento das espécies de aves, promovendo um aprendizado significativo e contextualizado.

Dessa forma, as ações desenvolvidas vão além do ensino tradicional, pois integram elementos culturais, ambientais e linguísticos que respeitam e fortalecem a identidade indígena dos estudantes, consolidando uma educação específica e diferenciada.

A partir da narrativa do professor, no tocante à experiência realizada na disciplina que ministra na Escola Warara'awa Assurini, é perceptível a satisfação e o êxito com o material desenvolvido e aplicado em sala de aula. Envolvendo uma prática pedagógica demarcadora do protagonismo desse professor indígena, a experiência tem a capacidade de contribuir, amplamente, para o processo intercultural de ensino-aprendizagem dos(as) estudantes Assurini, permitindo-lhes diálogos com conhecimentos formais e não formais, que constituem suas realidades cotidianas. Em suma:

A aplicação da pesquisa foi importante, pois realizamos um resgate do conhecimento tradicional indígena que é repassado de geração em geração através dos sábios da aldeia que são os maiores formadores do processo da educação indígena. Foi possível, assim, que os alunos da escola indígena Warara'awa Assurini tivessem acesso a esse conhecimento através da construção de matérias didáticos, como jogo do dominó, jogo da memória e cartilha ilustrada que resgata os etnoconhecimentos. Essas metodologias de ensino e aprendizagem permitem um ensino mais significativo para o aluno indígena, dentro e fora de sala de aula, enriquecendo os conteúdos escolares e fortalecendo os saberes locais do povo Assurini (Nataívia Assurini, 2020, p. 14).

Nessa perspectiva, a interdisciplinaridade surge, na prática docente, contextualizada com a teoria existente no cotidiano da educação indígena, amparando a relevância do cenário que permeia a aldeia e seu entorno. Segundo Moraes (2008), estas são formas de aprendizagens entrelaçadas com a interdisciplinaridade que sustenta a educação intercultural. Afinal, esse novo paradigma educacional, ainda em construção, e a interdisciplinaridade geram a interculturalidade, que é a razão de ser da escola no âmbito das sociedades indígenas.

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warará'awa Assurini, Tucuruí-PA*

Deve-se, portanto, considerar o fato de que diferentes culturas coexistem em espaços educativos, promotores e produtores de diferentes saberes, que estão fadados a se entrelaçar para formar uma educação intercultural. Essa nova postura conduzirá uma atitude interdisciplinar no modo de viver com a diferença, levando, pois, à aquisição do conhecimento como uma convivência natural (Almeida; Albuquerque; Pinho, 2014).

No contexto da alfabetização pela disciplina de língua materna na Escola Warará'awa Assurini, a professora Vanderleia Assurini tem como preocupação basilar o resgate e a revitalização da língua Assurini, que corre sério risco de extinção. Motivo pelo qual desenvolve, na prática docente, ações pensadas sob a ótica da realidade educacional das crianças Assurini, sobretudo, por não terem contato com a língua Assurini nos anos iniciais da vida. Em vista disso, a professora Vanderleia menciona que a língua materna faz parte do cotidiano dos Assurini, porém só os mais velhos a utilizam. Por esse motivo, há a preocupação mais genuína dos mais velhos, os sábios da aldeia, para preservar a língua, que vem desaparecendo. Isso visto que “a língua materna Assurini é muito importante, faz parte da nossa cultura, se ela desaparecer, vamos perder junto as histórias do nosso povo, dos nossos sábios, os nossos costumes e saberes” (Vanderleia Assurini).

Na visão da docente, os anciãos (sábios de seu povo) são os grandes aliados na revitalização da língua materna Assurini a partir da Escola Warará'awa Assurini, particularmente, contribuindo com o seu ensino pela construção de materiais didáticos e contação de histórias no espaço escolar e em outros locais da Reserva Trocará. Uma tarefa rica e fundamental para compreender a imprescindibilidade da língua como marcador da identidade do povo.

Nesse contexto, no trabalho de conclusão de curso de Licenciatura Intercultural Indígena, intitulado “Omo'epota konomitoa: experiências de alfabetização da língua Assurini”, orientado pela professora do curso Rita de Cássia Silva Almeida, a professora Vanderleia teve, como produto final, a elaboração de um livro de histórias na língua Assurini para ser trabalhado com os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da escola:

O material foi produzido a partir de pesquisas realizadas com os nossos sábios, que são as raízes da nossa cultura. Eles também participaram dos momentos de contação das histórias, que se deu tanto no espaço escolar quanto nos espaços da aldeia tradicionalmente utilizados para reuniões (Vanderleia Assurini, 2020, p. 4).

É notável a maneira pela qual a preocupação da professora Vanderleia Assurini atravessa sua trajetória de vida como indígena e docente, a qual, juntamente com a comunidade escolar, os sábios da sua gente e demais habitantes da Terra Indígena Trocará, busca manter viva a língua Assurini. Isso na medida em que:

Eu acredito que não só a escola, onde eu trabalho, mas como a comunidade inteira precisa ir em busca novamente da língua Assurini que já está no esquecimento há muito tempo. Quando era criança em 1965 a aldeia inteirinha falava a língua Assurini, aí a partir de 1972 para cá aí já começou essa situação de perda da língua. A língua Assurini foi sumindo devagarzinho, com aquele povo antigo que foi falecendo, e aí os novos pais não botaram em prática aquilo que era necessário para nossa comunidade dar continuidade a língua, hoje a gente tem que buscar incentivar as crianças, talvez os pais, as mães para poder levar os seus filhos à escola para aprender a falar a língua Assurini (Vanderleia Assurini, 2020, p. 6).

O protagonismo da professora indígena Vanderleia vai além da sua inquietação com escrita, leitura e comunicação oral, uma vez que se trata de lutas em prol da sobrevivência, autoafirmação e valorização das histórias, culturas, costumes, saberes e formas de vida do seu povo. Assim sendo, o resultado de sua pesquisa acadêmica é pensado para revitalizar o aprendizado da língua materna a partir da produção de um caderno de contação de histórias, com auxílio dos Assurini mais velhos, os sábios, visando contribuir com o letramento escolar contextualizado com a realidade da sua gente.

Nesse cenário, a produção e a reprodução das várias narrativas tradicionais do povo Assurini é vista como uma forma de manter vivos seus costumes e valores, enquanto o registro dos conhecimentos orais pela escrita evidenciou-se com uma ferramenta utilizada pela professora, ao desenvolver o material didático, que atualmente circula entre os Assurini.

Tal iniciativa elucida que os povos indígenas não querem uma educação que não seja propícia à sua sobrevivência, aos valores, aos princípios e à cultura, nem que dogmatize, degrade, isole e elimine as diferenças sociais e culturais. Tanto que a interdisciplinaridade atende a esses anseios, emergindo como uma abordagem científica que facilita a integração do conhecimento e uma perspectiva de valorização dos saberes indígenas e promoção da cultura mediante a interação entre atividades de ensino e aprendizagem (Abreu; Albuquerque, 2012 *apud* Suanno et al.; 2021, p. 12).

Por outro lado, as vozes resistentes, silenciadas há séculos pelo colonizador, passam a tomar posse de suas narrativas, a exemplo do que estão fazendo esses

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA*

professores indígenas, para representar o seu mundo em um processo reverso da escrita como forma de resistência ao silenciamento étnico, mostrando como o ressignificar das ações é necessário no contexto educacional dos povos indígenas. Nas afirmações da professora Vanderleia:

Nós, como professores indígenas, precisamos que o aluno tenha possibilidade ou habilidade de usar os recursos da língua Assurini para produzir sentidos e, assim, assimilar os conhecimentos necessários para a construção de sua identidade individual e também de sua identidade grupal que, no caso de um povo bilingue, deve passar pelo conhecimento da língua indígena [...] O material didático produzido durante essa pesquisa agora faz parte do acervo que está sendo construído a cada dia, com a colaboração dos professores pesquisadores, para a revitalização da cultura Assurini. As crianças e jovens ainda têm interesse em saber de nossas raízes, e não podemos deixar esse interesse se perder (Vanderleia Assurini, 2020, p. 11-12).

O material didático composto por histórias e contos, produzido pela professora, representa esse método de resistência, servindo como dinâmica nas aulas de língua materna, que envolve os alunos no processo de alfabetização com atividades de escrita e desenho, que, em seguida, podem ser compartilhadas com suas famílias em suas casas.

Do mesmo modo, o professor Ipipawaia Pompeu Assurini, que ministra a disciplina de Matemática na Escola Warara'awa Assurini, no seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, intitulado “Tamutaré: Educação Financeira Na Aldeia Assurini Do Trocará (2020)”, orientado pelo professor do curso Osvando dos Santos Alves, trata dos conteúdos de matemática financeira na escola, buscando desenvolver estratégias didáticas que visam à importância de se fazer uso adequado do dinheiro, provindo das fontes de renda dos estudantes e moradores da referida reserva, que, na sua visão, a maioria ainda dispõe de forma inadequada, sem planejamento e organização, tendo gastos com aquilo que não se configura como prioridade para sobrevivência.

Na concepção do professor Ipipawaia, é imperioso repensar essa problemática por meio da educação escolar indígena, ampliando as formas de conhecimento a respeito das práticas presentes no cotidiano dos Assurini, sobretudo, no que concerne aos conceitos matemáticos, que podem contribuir para uma administração financeira eficiente, posto que:

[...] ao trabalhar no meu estágio, com os estudantes do 4º ano o tema “sistema monetário brasileiro”, observei que os estudantes têm conhecimento de dinheiro, mas não têm ideia de seu uso adequado. Na minha vivência na aldeia, percebo



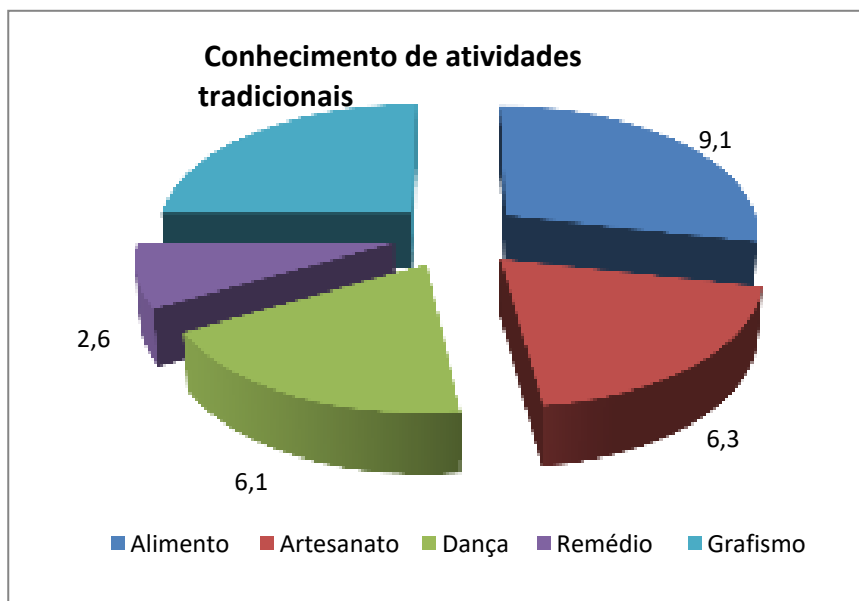
também que o dinheiro é gasto sem critérios, sem planejamento e, lamentavelmente, em vícios, deixando famílias necessitadas de itens básicos. Então percebi a necessidade de discutir com os estudantes e a comunidade o tema da educação financeira e, a partir das discussões decorrentes da educação financeira, trabalhar conceitos fundamentais de matemática com os alunos da Escola Warara'awa Assurini, além de ensinar conceitos e conteúdos fundamentais de matemática a partir dessas atividades (Ipipawaia Assurini, 2020, p. 4).

Partindo da sua pesquisa de trabalho de conclusão de curso, o professor Ipipawaia analisou o perfil socioeconômico das famílias Assurini, observando o endividamento de mais de 60% delas com dívidas bancárias advindas de empréstimos feitos sem grande necessidade. Aspecto que demonstra a falta de conhecimento e as ações desses indígenas para gerenciar seus gastos. Logo, percebeu a urgência de trabalhar a educação financeira no Ensino Fundamental e Médio, intentando o processo de conscientização para essas questões, além de iniciar a mudança de postura para que os indígenas possam adquirir responsabilidade financeira e traçar melhor suas metas futuras dentro e fora de sua realidade.

É válido elucidar que um dos resultados interessantes da pesquisa, desenvolvida pelo professor com as famílias Assurini, é a dimensão dos conhecimentos e saberes tradicionais, os quais, além de servir como fonte de renda, incentivam a valorização da identidade cultural desse povo.

De forma que são vistos como meio de integração da cultura Assurini com suas práticas de sobrevivência, pois o fazer e o aprender diário, no ensino tradicional não escolar, perpassam pelas experiências cotidianas desses indígenas, ao serem interligados ao conhecimento formal aprendido no ambiente escolar. Assim sendo, podem atuar como fortalecedor dos saberes tradicionais Assurini, de tal modo que caminhem atrelados à nova realidade vivenciada por esse povo indígena. Na Figura 4, podem ser observados os dados estatísticos resultantes da pesquisa realizada pelo professor Ipipawaia Assurini.

Figura 4 – Levantamento das atividades tradicionais



Fonte: Ipipawaia Assurini (2020).

Dessa forma, segundo o professor, a aplicação das atividades, nas turmas do Ensino Fundamental e Médio, ocorreu de forma contextualizada com o conteúdo trabalhado no semestre. Assim, no 5º ano, o tema da aula foi Tamutaré: o uso do sistema monetário brasileiro na Terra Indígena Trocará, objetivando “reconhecer as cédulas e moedas do sistema monetário brasileiro, efetuando cálculos com estas cédulas e moedas, em contexto de compras e vendas” (Ipipawaia Assurini, 2020). No Ensino Médio, o conteúdo trabalhado foi o uso sistema monetário brasileiro, para “utilizar juros simples para cálculos de desconto e acréscimo” (Ipipawaia Assurini, 2020). Afinal,

[...] é de suma importância termos educação financeira nas escolas, por ser esta a formadora das futuras gerações. Temos no currículo escolar de matemática, mas não somente neste, diversos momentos em que se discute com os estudantes situações de compra e venda, de uso do dinheiro e que podem ser aproveitados para a discussão e ampliação tanto dos conceitos matemáticos quanto para a educação financeira [...]. Com a atividade Tamutaré: o uso do sistema monetário brasileiro na Terra Indígena Trocará, apresentamos aos alunos uma nova forma de aprendizagem, mais interativa e contextualizada. É necessário que os professores em sala de aula façam mais aplicações de educação financeira porque os alunos precisam conhecê-la melhor. Ao tratar de matemática financeira ou de outros temas de matemática, cabe tocar no assunto, com exemplos, que levem o estudante a pensar sobre as finanças, sobre sistema monetário, sobre relação custo-benefício de algumas compras e demais temas relativos ao sustento da família (Ipipawaia Assurini, 2020, p. 8-14).

Segundo analisa Ipipawaia Assurini, os resultados obtidos evidenciaram a importância de se aplicar dinâmicas sobre educação financeira no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, visto que, apesar de saberem manusear o dinheiro, ainda há muitas dificuldades para se trabalhar, de forma adequada, sua administração. Os conteúdos desenvolvidos na escola indígena podem ajudar os alunos e seus familiares a ter um olhar mais atento, mais amplo, para as questões presentes no dia a dia, de tal maneira que possibilite a pensar melhor e a desenvolver estratégias para manejar seus ganhos e gastos, notando, pois, a “relação custo-benefício de algumas compras e demais temas relativos ao sustento da família” (Ipipawaia Assurini, 2020).

Nessas condições, é possível observar, nas práticas docentes dos professores Assurini, as estratégias que desenvolvem para trabalhar os conteúdos das diferentes disciplinas, os quais, mesmo não chegando à escola de maneira contextualizada, traçam estratégias que permitem ressignificar os métodos de ensinar, trazendo para a realidade dos alunos indígenas as temáticas trabalhadas, fazendo com que se sintam envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, de forma que isso tenha sentido no cotidiano de cada um deles e na vida na aldeia, repleta de saberes e aprendizados.

Mediante o exposto, é notável que o trabalho desenvolvido pelos professores indígenas na E.I.R.E.F. Warara'awa Assurini possibilita refletir acerca da relevância de se construir um ensino plural, visto que “a diversificação de experiências pedagógicas e gerenciais da escola indígena é uma necessidade político-institucional para dar conta das diferentes realidades e perspectivas indígenas” (Baniwa, 2013, p. 8).

Por outro lado, a despeito dos avanços conquistados por meio das leis e decretos legais, não se pode obscurecer os desafios existentes na realidade educacional. Tanto que questões curriculares, pedagógicas e de gestão dificultam o trabalho dos professores Assurini, os quais têm de buscar, continuamente, práticas diferenciadas que contemplem a realidade dos seus alunos, estando contextualizadas com a vida diária, isso posto que enfrentam dificuldades em algumas atividades que requerem melhor planejamento e apoio dos órgãos municipais.

### **Considerações finais**

Discutir a interculturalidade como um projeto e uma atitude tem impacto direto na experiência dos alunos dos programas de educação intercultural, conforme se observou entre os professores Assurini. Tal aspecto se baseia no fortalecimento das identidades em

movimento, revelando saberes sub-hegemônicos, e na adoção das línguas e culturas dos povos indígenas. Em virtude disso, a trajetória educacional das populações indígenas do Brasil e a conquista de direitos legais, resultantes das lutas desses movimentos, marcam uma reviravolta na história dos povos, que têm suas culturas e modos de vida específicos ameaçados por séculos.

Imperioso reforçar que a educação sempre foi entendida pelo sistema colonial como ferramenta de “civilização”, “progresso” e “ordem social”, intentando, desde o período da invasão, implantar um sistema educacional com o objetivo de apagar as características identitárias mediante a “integração do índio à sociedade nacional, sem respeito às diferenças culturais e linguísticas. Era uma educação de branco, da cultura do branco para os índios. Em outras palavras, a escola servia para o branco ensinar ao índio a ser e a viver como ele” (Luciano, 2006, p. 148).

Na atualidade, conforme observamos no contexto educacional dos professores Assurini, a educação escolar representa uma grande conquista, na medida em que possibilitou o diálogo intercultural e a valorização humana dos habitantes da Reserva Indígena Trocará. O sistema educacional dessa população indígena, a interculturalidade e a interdisciplinaridade, como parte integrante da educação, tornam-se instrumentos de resistência quando os professores indígenas ressignificam suas práticas de ensino-aprendizagem. Tendo, na educação formal, meios para fortalecer seus saberes e práticas, que constituem a existência do seu povo.

Nessa perspectiva, compreende-se de que forma os conhecimentos não indígenas podem integrar os conhecimentos indígenas e amparar o processo de resistência, cada vez mais necessário diante do avanço da modernidade, suas formas de opressão e seus duros efeitos nas culturas tradicionais.

Além disso, o protagonismo da comunidade indígena foi um aspecto central deste estudo, visto que a elaboração dos materiais didáticos contou com a participação ativa dos professores e alunos, garantindo que o conhecimento tradicional fosse preservado e transmitido de forma legítima e engajada. A criação e aplicação do jogo bilíngue e do livro didático não apenas valorizaram os saberes ancestrais, mas também incentivaram o envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem, permitindo que eles reconhecessem seu papel como agentes do próprio conhecimento. Esse protagonismo

fortalece a autonomia dos alunos, promovendo a autovalorização cultural e o senso de pertencimento à sua comunidade.

Ademais, o acesso à educação como meio para enfrentar as desigualdades socioculturais faz com que os indígenas Assurini não abram mão da autonomia do ensino na Escola Warara'awa Assurini. Apesar dos obstáculos, os sujeitos indígenas resistem e têm a educação formal como uma aliada na luta pela cidadania e pela liberdade de ir e vir interna e externamente ao seu território. Exercendo, assim, “o controle sobre a vida de suas comunidades, que a escola e a igreja lhes haviam roubado, e aos professores, a oportunidade de conquistarem espaço social e político na luta maior de suas comunidades e de seus povos” (Luciano, 2006, p. 158).

Dessa forma, o objetivo do artigo foi atingido ao demonstrar como a educação diferenciada pode ser estruturada a partir de práticas pedagógicas que dialogam com os saberes indígenas. As atividades desenvolvidas mostram que é possível construir um ambiente escolar que respeita, potencializa e fortalece o pertencimento cultural dos alunos, além de contribuir para a preservação da biodiversidade e da memória coletiva do povo Assurini. A experiência relatada reforça a importância de metodologias que promovam a interação entre escola e comunidade, assegurando que a educação indígena seja, de fato, específica, diferenciada e comprometida com a valorização de seus sujeitos.

### Referências

ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; ALMEIDA, Severina Alves (org.). **Educação escolar indígena e diversidade cultural**. Goiânia: América, 2012.

ALMEIDA, Severina Alves de; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges; PINHO, Maria José de. Transdisciplinaridade e educação intercultural: a formação do professor indígena Apinayé em perspectiva. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 8, n. 4, p. 804–825, 2014.

AQUINO, André Ribeiro. **O diálogo intercultural como alternativa ao universalismo assimilacionista dos direitos humanos**. 2018. 138 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

ARROYO, Miguel (Prefácio). Memória de Educação do Campo. In: SANTOS, Clarice A. et al. (org.). **Dossiê da Educação do Campo**: documento complementar 1998-2018. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2020.

ASSURINI, Ipipawaia Pompeu. **Tamutaré**: Educação financeira na Aldeia Assurini do Trocará. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado do Pará, Cametá, 2020.

*O protagonismo de professores indígenas no processo ensino-aprendizagem na Escola Warara'awa Assurini, Tucuruí-PA*

ASSURINI, Nataívia. **O conhecimento tradicional sobre as aves existentes na Terra Indígena Assurini do Trocará e a sua relação com o ensino de Ciências**. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado do Pará, Cametá, 2020.

ASSURINI, Vanderleia. **Omo'epota Konomitoa**: Experiências de alfabetização na língua materna. 2020. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena) – Universidade do Estado do Pará, Cametá, 2020.

BANIWA, Gersem. Educação escolar indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas. In: Reunião Nacional da ANPEd, 36., 29 de setembro a 2 de outubro de 2013, Goiânia-GO. **Anais...** Goiânia, 2013.

BARROS, Igor Silva. **Corpo, educação e cultura**: as práticas corporais e curriculares da Escola Wararaawa Assurini da Aldeia Trocará. 2020. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2020.

BARROS, Igor Silva; PINTO, Celeste de Moraes. Cultura, identidade e saberes tradicionais dos Assurini do Trocará, Tucuruí/PA. **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], v. 7, p. 40825 - 40841, 2021.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **O Possível Nativo**: o outro sentido. AmaZone Wiki, 2009. Disponível em: <http://amazone.wikia.com/wiki/Projet>. Amazone. Acesso em: 25 nov. 2022.

KOLLING, Edgar José et. al. (org.). **Por uma educação básica do campo** – Memória. Brasília, DF: Educação, UNB, 1999.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: Ministério da Educação; LACED/Museu Nacional, 2006.

MARTINI, Carma Maria. Educação escolar indígena no Brasil: análise das mudanças de paradigmas a partir do contexto histórico, socioeconômico e político em que foram idealizadas e ganharam materialidade. **Revista Panorâmica**, [S.l.], v. 25, p. 61-76, 2018. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/818>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes**: complexidade, transdisciplinaridade e educação – novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais. São Paulo: Antakarana/ WHH – Willis Harman House, 2008.

NUNES, Maria de Fátima Rodrigues. **Aprende brincando**: a criança atuando entre o povo assurini do trocará, município de Tucuruí-PA. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) – Universidade Federal do Pará, Cametá, 2017.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa *et al.* Transdisciplinaridade na educação escolar indígena bilíngue e intercultural: escola como espaço de ciência com consciência e saberes ancestrais. **Humanidades & Inovação**, [S.l.], v. 8, n. 43, p. 9-20, 2021.

### **Sobre os autores**

#### **Benedita Celeste de Moraes Pinto**

Doutora em História Social pela PUC/SP (2004). Mestre em História Social pela PUC/SP (1999). Licenciada plena e Bacharel em História pela UFPA (1995). Atualmente, é professora Adjunto A da Universidade Federal do Pará, lotada no Campus Universitário do Tocantins/Cametá, atuando na Faculdade de História do Tocantins (FACHTO) e no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC). Possui estágio pós-doutoral em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT pelo PROCAD Amazônia – Capes (2019).

E-mail: [celpinto18@gmail.com](mailto:celpinto18@gmail.com)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-9450-5461>

#### **Cristian Caio Silva Moreira**

Licenciado em História pela Universidade Federal do Pará (2022). Mestrando em Educação e Cultura pela Universidade Federal do Pará (PPGEDUC/UFPA). Participante do Grupo de Pesquisa HELRA – História, Educação e Linguagem na Região Amazônica (CNPq/UFPA). Participante do grupo de pesquisa QUIMOHRENA – Quilombos e Mocambeiros: história da resistência negra na Amazônia (CNPq/UFPA).

E-mail: [cristianmoreira562@gmail.com](mailto:cristianmoreira562@gmail.com)

Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-8829-9665>

Recebido em: 23/02/2024

Aceito para publicação em: 28/03/2025